

BULLYING E A O COTIDIANO DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA – Análise das relações pessoais acerca do bullying de estudantes do curso de Matemática – Licenciatura do estado de Pernambuco

Caio Bruno Gonçalves ¹
Ana Lúcia Leal ²

O *bullying* começou a ser estudado e evidenciado nos últimos anos, proporcionando diversas concepções do que seria o mesmo. Visando isso, este trabalho surge com objetivo central conhecer as impressões de estudantes do Curso de Matemática – Licenciatura sobre o *bullying*. Neto (2005) define *bullying* como sendo uma atitude agressiva, intencional e repetida, que causa dor e angústica, ocorrendo dentro de uma relação desigual de poder. Para atingirmos nosso objetivo, aplicamos um questionário semiaberto em 171 discentes do curso de Matemática, Licenciatura, de uma Universidade do interior do estado de Pernambuco. Com esse artigo tivemos noção do percentual de alunos que sofreram *bullying* (67,3%), fatores associados aos casos (como 51,3% dos entrevistados sofrendo *bullying* por mais de 1 ano), ações tomadas por vítimas e testemunhas (86,96% das vítimas e 23,67% das testemunhas informaram as escolas), além da visão deles em relação à importância que a instituição de ensino superior deveria dar ao *bullying* (13,2% com palestras e 6,3% com disciplinas) e aos seus impactos no cotidiano em sala de aula (73,7% informando que depressão influencia muito no cotidiano de aula). Ao término desta pesquisa podemos considerar que houve resultados expressivos relacionados aos estudantes que passaram por atos de *bullying*, tanto como vítimas, quanto como testemunha. Esse trabalho abre espaço para pensamentos acerca da formação curricular dos cursos de licenciatura, formação continuada em relação ao *bullying* além de ações de combate nas escolas.

Palavras-chave: *Bullying*; Cotidiano escolar; Formação.

INTRODUÇÃO

O ambiente escolar, principalmente no final do ensino fundamental e nos anos do ensino médio é marcado por diversas mudanças comportamentais e de relacionamento dos estudantes, quando eles se conhecem e conhecem melhor, com o tempo, o ambiente que estão inseridos. Tais processos acabam sendo prejudicados, muitas vezes, por um tipo de violência que está em evidência desde o início dos anos 2000: O *bullying*. Sendo mais comum em escolas, o *bullying* se caracteriza com o que muitos chamam de “brincadeiras” que normalmente machucam os que são alvos de tais atos. O presente trabalho surge com o objetivo de avaliar as impressões que os indivíduos possuem do *bullying*, bem como avaliar as opiniões acerca da temática, relacionando-a ao ambiente de trabalho do professor. Para tanto, elaboramos um questionário semiaberto que trouxesse a visão e as experiências de

¹ Graduando do Curso de Matemática - Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, caio.bruno.uni@outlook.com;

² Professora orientadora: Doutora em Educação/ Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/ Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática – PPGECM /Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE), analealchaves@yahoo.com.br.

alunos que frequentavam turmas do curso de Matemática – Licenciatura de uma instituição de ensino superior do estado de Pernambuco.

METODOLOGIA

Aplicamos um questionário em 171 discentes, distribuídos entre 10 períodos do curso de Matemática - Licenciatura (167 sujeitos), e quatro estudantes eram do curso de Física – Licenciatura e Química – Licenciatura. A aplicação dos questionários ocorreu no momento das aulas, em turmas do 1º ao 10º período do Curso e durou, aproximadamente, dois meses.

O questionário foi produzido de forma semiaberta, contendo 11 questões. Ele foi subdividido em eixos temáticos que versaram sobre: A busca por informações pessoais e pela visão do discente acerca do *bullying*; perguntas relativas se o discente já havia sido vítima de *bullying*; questões que investigaram se o participante já havia testemunhado atos de *bullying*; se o aluno tinha sido, em algum momento, um possível agressor; se havia existido algum tipo de trabalho educativo promovido pela instituição em questão, a respeito do *bullying* e; como encaravam a influência e as consequências do *bullying* no ambiente escolar.

O BULLYING COMO “ESTOPIM” PARA PROBLEMAS NO AMBIENTE ESCOLAR

Quando falamos sobre o *Bullying*, as pessoas tendem a relacionar a ação com o contexto educacional, principalmente ao ensino infantil e fundamental, considerado por muitos como “brincadeiras” feitas entre estudantes, mas quem é alvo de tais ações não se sente confortável com o fato. Fante (2008, p. 35) aponta que “os estudos tiveram início na década de 1970 na Suécia e na Dinamarca”, mas apenas entre os anos 1990 e início dos anos 2000 a temática chegou ao Brasil. Pelo pouco tempo que é estudado no país, a compreensão do termo ainda parece confusa. Neto (2005) define o *Bullying* como sendo todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente e que causam dor e angústica, ocorrendo dentro de uma relação desigual de poder.

Já Crochik (2012) define o *Bullying* escolar como sendo “[...] a hostilidade de um aluno mais velho ou mais forte, ou grupo de alunos, intencionalmente e com frequência, dirigida a um mesmo aluno [...]”. Olweus (1991, apud. CARVALHOSA et al. 2001) considera o *Bullying* quando “um aluno está a ser provocado/vitimado quando ele ou ela está exposto, repetidamente e ao longo do tempo, a ações negativas da parte de uma ou mais

peessoas” (p. 523) Pelo exposto, podemos perceber uma diferença do *Bullying* em relação a outros tipos de violências: Ele acontece sempre intencionalmente, mesmo quando não se tenha motivo aparente para a agressão, de forma frequente, além de ser provocado em uma situação de “poder” de uma pessoa ou grupo sobre outra pessoa, provocando efeitos negativos em quem recebe esse tipo de violência.

Vários autores apontam, em suas pesquisas, o quantitativo de estudantes envolvidos em casos de *Bullying*. Crochik (2012) cita que, “[...] aproximadamente 10% dos alunos praticam o *bullying* e outros 10% o sofrem [...]”; SUDERMANN et al (2000 apud Carvalhosa et al., 2001, p. 524) citam que “[...] pelo menos 15% dos estudantes na escola estão envolvidos nesses comportamentos”. Pereira et al. (1994 apud Carvalhosa et al., 2001, p. 524) apontaram que “[...] o qual 21% das crianças de 7 e 12 anos nunca foram agredidas, 73% são agredidas ‘às vezes’ e 5% ‘muitas vezes’”.

No contexto nacional temos o texto de Pigozi e Machado (2015), que trazem uma revisão bibliográfica relativa ao *Bullying* no país. Eles mostram que, nas pesquisas verificadas, “o artigo XXI revelou que 67,4% dos 237 escolares estavam envolvidos com o *bullying*, ao presenciar ou sofrer, e que 48,5% relatararam ser vítimas”. Outra informação dada sobre a prevalência dos atos de *Bullying* é trazido por Neto (2005) sobre a pesquisa feita pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à infância e à Adolescência (ABRAPIA), em que 40,5% dos alunos dizem que estão envolvidos diretamente com atos de *Bullying*, 16,9% são as vítimas, 12,7% são agressores e 10,9% são o que podemos considerar vítima-agressores.

Mas quem está envolvido nos atos de *Bullying*? Existem muitos termos para os envolvidos: Neto (2005) os define como alvos, autores, testemunhas e alvos/autores; Fante (2008) usa os termos vítimas, vítimas provocadoras, vítimas agressoras, agressoras e espectadores. Nesse texto usaremos os termos de Fante (2005), ‘vítima’, para os sujeitos que sofrem a ação do *bullying*, e ‘agressor’ para os sujeitos que provocam a ação, enquanto usaremos o termo de Neto (2005), ‘testemunhas’, para os sujeitos que estão no momento do ato, mas não são nem vítimas, nem agressores.

Quando tratamos de vítima, Fante (2005) demonstra que elas podem ser identificadas como “[...] aquelas que apresentam pouca habilidade de socialização, são retraídas ou tímidas e não dispõem de recursos, *status* ou habilidades para reagir ou fazer cessar as condutas agressivas contra si” (p. 59). São normalmente as pessoas que, como Pigozi e Machado (2015) definem, “[...] são mais inseguras, temem a rejeição e têm poucos amigos” (p. 3510).

Em relação aos agressores, Fante (2015) considera que “são aqueles que se valem da força física ou habilidade psicoemocional para aterrorizar os mais fracos e indefesos” (p. 60). Normalmente esses alunos “são prepotentes, arrogantes e estão sempre metidos em confusões [...]” (p. 60) e têm uma “grande capacidade de liderança e persuasão” fazendo com que os outros estejam sujeitos à suas vontades. Por mais que os agressores e vítimas tenham essas características, não devemos nos precipitar considerando que todos com essas características possuem um real envolvimento com atos de *bullying*, como Fante diz “O fato de determinados alunos apresentarem tais características não significa que estarão envolvidos no fenômeno”.

É preciso cautela para identificar os prováveis agressores e vítimas de tais atos, considerar as características dadas é um começo, mas devemos checar se os atos de *bullying* estão ocorrendo, seja por meio de confirmações com as prováveis vítimas, tentando descobrir os motivos de tais pessoas agirem de tal forma, seja contando com as testemunhas, entre outros meios.

O último grupo presente nesses atos são as testemunhas. Existem muitos questionamentos entre os estudiosos se as pessoas que não participam diretamente dos atos de *bullying* são consideradas ou não participantes de tais atos. Fante (2015) defende que as testemunhas (ou espectadores, como ela chama) fazem parte desses atos, por presenciarem constantemente as situações de constrangimento vivenciadas pelas vítimas.

Neste sentido, Neto (2005) aponta que a maioria dos alunos não está envolvida diretamente com o *bullying*, mas que evitam falar sobre as ocorrências seja por receio de ser a próxima “vítima”, por não saberem como agir, e/ou por duvidarem das atitudes da escola. Isso acaba sendo comum e pode ser relacionado ao próprio poder de persuasão e convencimento citado anteriormente: O agressor faz os atos convencendo as vítimas de que não lhes acontecerá nada. Como consequência, elas não conseguem reagir nem procurar apoio, as testemunhas vêem e se convencem de que o agressor não sofrerá grandes penalidades e a escola, muitas vezes, fica sem saber do ocorrido. Quando a escola sabe do ocorrido, o aluno é advertido, passa por uma conversa na coordenação (ou direção), ou leva uma suspensão, ações essas consideradas eficazes para a escola, mas que nem sempre são relevantes para os agressores, acabando por não serem eficazes no combate ao *bullying*. Diante dessa ineficácia, as testemunhas se convencem do “poder” do agressor e buscam meios de se protegerem.

Mas o *bullying* apenas provoca medo dos agressores e faz as vítimas mais retraídas? De acordo com Carvalhosa et al. (2001), Neto (2005), Fante (2015) e Crochik (2012), não é apenas isso. Para Carvalhosa et al. (2001), o grupo dos agressores tem níveis mais altos de

consumo de substâncias (drogas, álcool e tabaco) que os outros grupos. Eles comentaram o contexto de escolas portuguesas e demonstraram em seus resultados relações importantes:

[...] o grupo sem envolvimento apresenta níveis de saúde mental mais elevado do que qualquer outro grupos, e o grupo dos provocadores e o grupo das vítimas apresentam níveis de saúde mental mais elevado do que o grupo com vítimas provocativas (p. 531).

Neto (2015) aponta que existe uma relação direta entre a frequência, duração e severidade dos atos de *bullying* e as consequências emocionais e físicas. Quem sofre *bullying* quando criança é mais propenso a sofrer depressão e baixa autoestima quando adulto, além de comportamentos antissociais, perda de oportunidades, instabilidade no trabalho e em relacionamentos afetivos. Para o autor, os sinais e sintomas possíveis de serem observados em alunos alvos de *bullying*, vão desde sintomas físicos, como Cefaléia (dor de cabeça), vômitos e desmaios; problemas psicológicos, como ansiedade, depressão, pânico e anorexia; até problemas sociais, como resistência em ir à escola, insegurança por estar na escola e mau rendimento escolar.

No presente trabalho, apresentaremos o quantitativo de sujeitos por período, avaliaremos as respostas fornecidas, considerando-as, também, de acordo com seus respectivos períodos. É válido ressaltar, que as análises percentuais não serão feitas baseadas no valor total de entrevistados, já que poderão marcar, nas questões fechadas, mais de uma alternativa, ou darem mais de uma resposta, como ocorre nas questões abertas.

A seguir apresentaremos nossos resultados e discussões.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inicialmente analisamos o quantitativo de sujeitos por período. Na Tabela 1, temos:

Tabela 1 - Periodização dos sujeitos da pesquisa

Periodização	Total absoluto	Total relativo
1º período	38	22,2%
2º período	23	13,5%
3º período	30	17,5%
4º período	24	14%
5º período	10	5,8%
6º período	14	8,2%
7º período	16	9,4%
8º período	02	1,2%
9º período em diante	10	5,8%
Outros cursos	04	2,3%
Total	171	100%

Fonte: o autor

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

Recebemos mais questionários para análise de alunos dos quatro primeiros períodos, principalmente do primeiro período, o que pôde ser facilmente explicado pelo fato deles, como sabemos, tenderem a permanecer juntos em uma mesma turma, assistindo as mesmas aulas, por isso foram facilmente localizados.

Após a informação da periodização apresentamos perguntas relativas à temática. A questão 3 abordou a opinião dos estudantes acerca do *bullying*: “O que a palavra *Bullying* significa para você?” Diante desse questionamento foram fornecidas 300 respostas. Dessas, reunimos as quatro categorias temáticas mais citadas. Elas foram: *Agressão* (61%), *Característica* (10,7%) além de *Escola* e *Psicológico* (com 3,7% para as duas). Observamos que a relação que a maioria dos participantes fez com o conceito de *bullying* aconteceu nas mais diversas formas de *Agressão*, considerando que todas as formas de agressão foram elencadas em um único grupo.

Outra análise importante pôde ser feita: o fator *Característica* foi evidenciado (10,7%), estando em consonância aos pontos principais do *bullying*, pois ele acontece geralmente por alguma diferença física, de comportamento ou de pensamento (*Característica*), além de *Escola* (3,7%) e *Psicológica* (3,7%), tendo em vista que para essas respostas o *bullying* está ligado diretamente ao ambiente escolar, podendo influenciar de alguma forma no psicológico de quem está envolvido.

Os demais fatores que diferenciam o *bullying* dos outros tipos de violência foram pouco citados: O *bullying* acontece por atos frequentes, referenciado como *Frequência* (2,7%) e com assimetria de poder entre o agressor e a vítima, definido aqui pelo termo *Poder* (2%). Podemos perceber que, neste caso, mesmo que uma das palavras-chaves tenha sido *frequência*, esse termo se refere ao quão frequente acontece no ambiente de sua convivência, o que ele considera como *bullying*, chama de *brincadeiras*. Assim, podemos perceber que mesmo se os alunos conhecerem alguns dos fatores que determinam o *bullying*, outros fatores importantes não foram evidenciados, podendo provocar confusão entre o que diferenciaria o ato do *bullying*, para outras formas de violência.

Através da questão 4 buscamos analisar o envolvimento dos discentes com o *bullying*. Quando questionados se já o sofreram, dos 171 entrevistados, 115 referiram que sofreram (67,3%). Os maiores valores foram observados, proporcionalmente, no quinto período (90%), no nono (90%) e sétimo período (87,5%).

A 5ª questão tratou sobre o período escolar em que esses alunos passaram por atos de *bullying*, com a seguinte pergunta: “Caso a resposta anterior tenha sido SIM, em que época você sofreu *Bullying*?” Dos 115 que referiram que SIM, a maior parte passou por esses

momentos no Ensino Fundamental I (29,9%) e II (35,6%), o que pode ser indicado pelo processo de mudança psicossocial e fisiológica que ocorre nessa faixa etária, que consiste aos anos finais da infância (dos seis aos 12 anos) e início da adolescência (13 e 14 anos).

A 6ª questão foi sobre a duração do *bullying* sofrido. 51,3% dos 115 estudantes afirmaram terem sofrido por mais de um ano. Isso mostra um ponto interessante: Apesar de existirem poucas respostas, na questão 4, considerando a *Frequência* como um fator que definiria o *bullying*, a maioria dos que foram vítimas sofreu com o ato por um longo período, indicando uma possível repetição dos atos de *bullying*.

Na 7ª questão, quando questionados sobre as motivações que consideravam que os agressores tinham para fazerem *bullying* com eles, obtivemos 222 respostas. 32,4% declararam que a motivação dos agressores era a *Aparência física*, seguido pelo *Modo de se comportar* (18,9%) e por alguma *Habilidade* (12,6%) que o estudante tivesse. Lembrando que a conceituação de *Habilidade*, nesse trabalho, se dá às capacidades com música, desenho, facilidade em alguma disciplina, dentre outros. É possível notar que essas três motivações estão, entre as citadas, entre as mais simples de se identificar diretamente, sem o agressor precisar conhecer o sujeito. Devido a essa possível falta de conhecimento entre o agressor e vítima, podemos perceber que o próprio preconceito pode ter sido um fator determinante para o surgimento dessas posturas.

Na 8ª questão, em relação à escola saber ou não dos ocorridos, respostas a essa questão foram bastante expressivas para um dos lados, tendo 86,9% dos 115 alunos que sofreram *bullying*, declarando que as escolas não souberam dos casos. Uma das características evidenciada anteriormente foi o fato das 115 vítimas do *bullying* serem mais retraídas, podendo explicar o quantitativo alto de sujeitos que sofreram com os atos, mas que a escola não soube dos casos. O período que mais chamou atenção é o primeiro período que, mesmo com um grupo expressivo de participantes terem referido que sofreram *bullying* (22 dos 38 sujeitos), 20 deles (90%) alegaram que a escola não soube dos atos.

Na 9ª questão, quando questionados sobre a escola tomar alguma atitude, foi possível observar que, mesmo nos poucos casos que as escolas tomaram conhecimento, a maioria dos alunos, dos 15 estudantes da resposta anterior (13,1%), disse que as escolas tomaram alguma ação sobre os atos (73,3% dos casos que as escolas souberam tomaram alguma atitude).

Na questão 10 foi feita uma análise similar a da terceira questão, separando as respostas por palavras-chave, mas a análise foi baseada em quais ações as escolas tomaram em relação aos atos de *bullying*. Considerando que, na questão 8, a maioria dos estudantes afirmou que a escola não soube do caso, tivemos 160 das 184 respostas como *Não respondeu* (87%). Com

isso definido, a ação mais referida foi a conversa (4,3%), envolvimento dos alunos no ocorrido (2,7%), ou com os pais (2,2%).

A partir da questão 11, tratamos dos estudantes que testemunharam o *bullying*. Os resultados apontaram um índice mais elevado do que o dos que foram vítimas, ou seja, 89,5% (dos 171 dos alunos participantes) testemunharam atos de *bullying*. Ou seja, as testemunhas presenciaram “[...] constantemente situações de constrangimento vivenciado pelas vítimas” (FANTE, 2008, p. 61). Algo a ser destacado foi o resultado obtido nas respostas dos alunos do terceiro período, pois 96,7% deles afirmaram que testemunharam tais atos.

Na 12ª questão Dos 153 alunos que testemunharam os atos de *bullying* (89,5%) fornecemos três opções de respostas: *Buscou acabar com a ação por conta própria; avisou a algum responsável do ocorrido* ou; *não fez nada em relação ao ocorrido*. O aluno deveria marcar a frequência com que elas ocorriam (*Sempre, às vezes, raramente* ou *nunca*). A maioria dos sujeitos buscou resolver os atos *por conta própria* (45,3% *às vezes*) ou *avisar a algum responsável* (33,7% *às vezes*). Percebemos que a ação das testemunhas, nesses casos, contrariou o pensado nos textos base, quando para a ação *não fez nada* a maioria dos estudantes relatou que *raramente* (24,4%), ou *nunca* (16,9%), escolhiam essa ação.

A questão 13 investigou se quando foram testemunhas, a escola soube do ocorrido. De todos os estudantes (171), 42% não responderam e 34,3% afirmaram que as escolas souberam do ocorrido. Das 148 respostas dadas, considerando que 65 (43,9%) não responderam, as principais ações tomadas pelas escolas foram: *Conversa* (18,9%) ou *advertência* (5,4%), tendo relação principal com os *pais* (6,1%), ou os *alunos* (4,7%).

As questões 14 e 15 se referiram aos alunos como praticantes dos atos (agressores). Dentre todos os participantes (dos 171), 78,4% disseram terem feito o que a questão chamou de *brincadeira que pode ter machucado, de alguma forma, quem a recebeu*. Desses, 67,9% pararam logo com a ação e 29,1% fizeram a *brincadeira* algumas outras vezes, mas depois de um tempo pararam.

A questão 16 abordou se os alunos consideravam que a instituição que eles estudavam no momento deveria orientá-los acerca do tema *bullying*, 98,2% de todos os estudantes (171) participantes da pesquisa consideraram que ela deveria orientar os alunos acerca do *bullying*,

Na questão 17, foi questionado se o curso no qual estavam inseridos abordava adequadamente o *bullying* em sua grade curricular. 76,6% consideraram que não abordava.

Na questão 18 foram questões que refletiram respostas abertas. Obtivemos 189 respostas. Delas, 124 (65,6%) não sabiam ou não responderam. 65 responderam (34,4%) e destes, 38,5% dos estudantes disseram que deveriam ser feitas palestras, ficando em segundo

lugar o foco no assunto em disciplinas na grade curricular, sejam elas em disciplinas obrigatórias ou eletivas, porém, tendo apenas 18,5% das respostas relatando essa questão.

Na questão 19, logo após procuramos saber a influência do *bullying* no ambiente escolar, principalmente no cotidiano do professor, de todos os participantes (171), a resposta *muito* obteve uma maioria expressiva (73,5%), seguido de *razoavelmente* (17,6%).

A questão 20 foi o espaço de justificativa da alternativa escolhida na questão 19. Obtivemos 223 respostas e destas, os principais motivos foram relacionados à *ocorrência nas escolas* (13%), no fato de *prejudicar o desempenho escolar* (12,1%) e a *influência psicológica* desses atos nos alunos (11,2%). Porém, houve um fato curioso: A principal justificativa que usaram para a escolha da alternativa na questão anterior foi relacionada à *atitude do professor* (18,8%), não relacionando à influência que esta atitude poderia ter de provocar o *bullying*, mas sim admitindo que, na maioria das vezes, o professor tem que saber tomar uma atitude quando tais atos acontecem.

Na questão 21 buscamos saber quais “sintomas” estariam mais associados às consequências do *bullying*, elencamos: *Ansiedade, Hiperatividade, Déficit de Atenção, Baixa Autoestima, Depressão, Dores estomacais e dores de cabeça e Comportamento agressivo/explosivo*. Os participantes deveriam escolher entre: *Muito, razoavelmente, pouco* ou *nada*. Entre os problemas considerados psicológicos, a prevalência do *muito* aconteceu em todas, com 52,9% para *ansiedade*; 52,6% para *hiperatividade*; 62% para *déficit de atenção*; 54,4% para *baixa autoestima* e; com valores mais expressivos, 73,7% para *depressão* e 77,8% para *comportamento agressivo/explosivo*. Em contrapartida, os problemas físicos, tais como: *dores estomacais e dores de cabeça*, tiveram um resultado mais balanceado, enquanto todos os outros tiveram menos de 10% de resposta para a opção *pouco* (com 8,8% para *hiperatividade* e *baixa autoestima*), tivemos 23,4% dos estudantes dizendo que esse ponto influenciava pouco no cotidiano escolar. Mesmo tendo 36,8% considerando que esse problema influenciava *razoavelmente* na escola e com 29,8% respondendo que influenciava *muito*, pode-se observar que a diferença para os que consideraram *pouco* foi bem menos expressiva do que os outros problemas.

Finalmente temos as duas últimas perguntas (22 e 23), que trouxeram de forma mais objetiva o questionamento sobre o significado pessoal da palavra *bullying*. Entre as três alternativas dadas, tivemos 189 respostas. Destas, 65,6% dos estudantes consideraram o *bullying* como um problema de saúde pública e 23,8% consideraram que seria um problema escolar. Obtivemos 260 tipos de respostas para as justificativas, e 15,4% citaram que esses atos ocorrem em locais fora da escola; 13,8% citaram a questão do social de alguma forma,

12,3% citaram o fator psicológico e; mais expressivamente, 17,3% citaram a conscientização para justificar suas escolhas. Em contrapartida, foi observado que dos 8,5% que responderam que o *bullying* era um problema supervalorizado, os alunos, em sua maioria, consideraram a segunda parte da resposta (*fazendo com que a criança perca a habilidade de se proteger, o tornando vulnerável*), não levando em consideração que essa segunda parte da resposta estava ligada à justificativa da alternativa *supervalorizada*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os dados obtidos podemos extrair algumas conclusões acerca do que foi analisado: Os alunos, em sua maioria, relacionaram o *bullying* ao fato da maioria ter passado por esses atos, seja como vítimas, testemunhas ou até como possíveis agressores. As vítimas, em sua maioria, não informaram para a escola do ocorrido. Este achado é consonante ao apontado por Pigozi e Machado (2015) e Fante (2008), quando definem que as vítimas normalmente são mais fechadas em si e não conseguem tomar ações mais efetivas. Já quando os alunos testemunharam o *bullying*, na maioria dos casos, a escola soube do ocorrido e tomou alguma atitude.

No que diz respeito às consequências do *bullying*, muitos estudantes consideraram que os problemas psicológicos afetavam mais o cotidiano em sala de aula, do que os problemas físicos.

Finalmente identificamos que a maioria dos estudantes relacionou o *bullying* às agressões (64%), não considerando tanto o fato dos atos serem repetidos por um tempo longo e a diferença de poder entre as pessoas.

Ao término de nossa pesquisa sugerimos que outras questões sejam investigadas e aprofundadas, tais como: *Que impactos pode haver em relação a uma formação de professores que reconhece a relevância do enfrentamento do bullying em comparação a de professores sem esse tipo de formação?*

REFERÊNCIAS

CARVALHOSA, Susana Fonseca de; LIMA, Luísa; MATOS, Margarida Gaspar de. **Bullying – A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português**. Análise Psicológica. 2001. p. 523-537.

CROCHIK, José Leon. **Fatores Psicológicos e Sociais Associados ao *Bullying***. Psicologia Política. Vol 12. Nº 24. 2012. p. 211-229.

FANTE, Cleo. PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar – perguntas e respostas**. Artmed. Porto Alegre. 2008.

JÚNIOR, Valdir Bezerra dos Santos. DIAS, Marlene Alves. BOSCH, Marianna. **Um Percurso de Estudo e Pesquisa para o Estudo das Noções de Juros Simples e Compostos**. Bolema. Rio Claro (SP). 2019. p. 327-347.

NETO, Aramis Antonio Lopes. ***Bullying* – comportamento agressivo entre estudantes**. Jornal de Pediatria. Rio de Janeiro. 2005. p. S164-S172.

PIGOZI, Pamela Lamarca. MACHADO, Ana Lúcia. ***Bullying* na adolescência: visão panorâmica no Brasil**. Ciência & Saúde Coletiva. 2015. p. 3509-3522